



VI Simpósio Nacional de **HISTÓRIA CULTURAL** Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

ENTRE O LINOTIPO E O “OFF-SET”: AS PRÁTICAS E A MODERNIZAÇÃO DA IMPRENSA NA DÉCADA DE 1970

Albert Aurélio Lima*

Francisco Alcides do Nascimento (Orientador)**

A imprensa escrita tem a sua entrada no Brasil com a chegada da Família Real no país, com a aquisição do primeiro prelo. Que serviria para a elaboração do Jornal Gazeta do Rio de Janeiro, que se caracterizava por ser um jornal oficial, que tinha como função anunciar as benfeitorias do regime português no Brasil e algumas notícias da Europa. O corpo editorial deste jornal era composto por membros da nobreza portuguesa. O que fazia com esta imprensa fosse extremamente controlada pelo Estado português.

A pesquisadora Juliana Meireles, estabeleceu uma pesquisa centrada neste período e nas relações estabelecidas entre a Gazeta do Rio de Janeiro e o Estado português, nos permite concluir que a imprensa escrita no Brasil já nasceu presa por fins institucionais ao Estado. De modo que a mesma era utilizada como um instrumento do mesmo, podendo o Estado utilizá-la da forma que preferisse¹.

* Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Bolsista de Iniciação Científica - PIBIC 2011/2012.

** Doutor em História pela UFPE. Atualmente é professor Associado II do departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Piauí.

¹ MEIRELLES, Juliana Gesuelli. *Imprensa e Poder na corte joanina: A Gazeta do Rio de Janeiro (1808-1821)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008. 252p.

Antes de adentrarmos no período em estudo é necessário voltarmos alguns anos para que possamos entender de melhor forma as conjunturas postas à imprensa nacional. Durante a segunda metade do século XX a imprensa de uma forma geral passa por um processo de mudança. Que se estabelece principalmente na mudança de funcionalidade e estrutura dos meios de comunicação. É pelos anos 50 que a imprensa de uma forma geral, principalmente a escrita irá se abrir para a industrialização e a onda nacional-desenvolvimentista instalada no país pelos governos denominados tradicionalmente como “populistas”. Isto significa que as indústrias nacionais ou multinacionais irão adentrar nas oficinas de jornais, de modo que os anúncios de seus produtos irão fazer parte da composição dos jornais, dando as empresas jornalísticas um estado de composição em que 80% da receita dos jornais se estabelecia através desses anúncios². Com isto muitos jornais, ganharam corpo, começaram a ganhar cadernos e muitos deles se expandiram de tal forma que passaram a ser diários. É neste momento que temos uma imprensa escrita com caráter empresarial, movida pelas notícias diárias e pelo intenso marketing, que irá acompanhar a imprensa nesse período³. Com isto os critérios técnicos se tornaram mais rigorosos, de forma que a atenção com este aspecto, a publicidade⁴ foi redobrada. Estes eventos acabaram não somente propiciando a expansão dos jornais como os ajudaram a se modernizar graficamente e pessoalmente, pois era cada vez mais necessário que os jornalistas buscassem se aperfeiçoar em sua profissão.

A nível nacional é possível se verificar neste período um empecilho a auto-gestão das oficinas dos jornais, pois os papeis que eram utilizados para a produção dos jornais eram controlados pelo Estado. Então, de certa forma, estava estabelecida uma

² ABREU, Alzira Alves de. *A Modernização da Imprensa (1970 – 2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 9.

³ FIGUEREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. *“Liberdade é uma Calça Velha Azul e Desbotada: Publicidade, Cultura de Consumo e Comportamento Político no Brasil (1954 – 1964)*. São Paulo: HUCITEC História Social, USP, 1998. P. 21

⁴ Anna Cristina Camargo estabelece uma diferenciação entre publicidade e propaganda. Para ela publicidade está voltada para a venda de um produto qualquer. Já a propaganda está vinculada a venda de uma idéia. E nesta concepção que estamos utilizando este termo neste trabalho.

Cf. FIGUEREDO; 1998, p. 18.

relação direta de dependência ao Estado, de modo que se o mesmo diminuísse a quota de papéis para os jornais, os mesmos eram impossibilitados de circular⁵.

Assim, para que o país pudesse prosseguir era necessário que a comunicação estivesse forte, era necessário que as pessoas se sentissem interligadas, pois assim os anos de atraso e subdesenvolvimento do país estariam deixados de uma vez por todas para trás. Este avanço das comunicações não deveria se restringir ao campo social deveria entrar também no âmbito econômico, pois as comunicações iriam servir para uma maior integração comercial do país. Tendo desenvolvido esta forma de pensar o regime estabeleceu a sua política de comunicação social para o Brasil. Desta forma, o governo militar passou a investir nos jornais, com financiamentos em bancos e em instituições estatais, para a aquisição de novos equipamentos⁶. Primeiramente para que fosse formado um consenso de que o regime era legítimo e não se tratava de um golpe, mas de sim de uma “Revolução”, que salvou o país do domínio comunista. E em seguida para que país pudesse se tornar um país integrado. Contudo foram poucos os jornais que se voltaram contra o Regime. A maior parte dos jornais acabaram apoiando abertamente o golpe militar de 64. No Piauí, o jornal que partiu em imediato apoio ao novo governo, foi o Jornal *O Dia*. Não podemos deixar de destacar que muitos jornais que se colocaram contra o Regime sofreram repressões e foram muitas vezes censurados. O que fez com que os jornalistas adquirissem novas práticas para driblarem esta forma de repressão.

Contudo, as comunicações crescem no país, que ganha um novo Ministério. O Ministério das Comunicações em 1965. E os investimentos do governo não se voltam somente para a imprensa escrita. Também estão voltados para a TV, que se instala no país através de concessões públicas, e tem no Estado um de seus principais financiadores. No Piauí, a primeira TV que se instala é a TV Rádio Clube, que encontra inicialmente muitas dificuldades, mas com a ajuda governamental consegue se desenvolver⁷.

⁵ ABREU; 2002, p. 10.

⁶ ABREU; 2002, p. 21.

⁷ Para mais informações sobre a história da TV Rádio Clube no Piauí. Cf. SANTOS, Maria Lindalva Silva. *A Força de um Ideal*. História e Memória da Primeira TV Piauiense. (Dissertação). Universidade Federal do Piauí. 2010. 162p.

No Piauí esta política de desenvolvimento das comunicações também terá caráter de prioridade com o governo de Aberto Silva. Contudo os esforços governamentais estarão mais voltados para a implantação da TV no estado, caracterizada como símbolo da modernidade e o que representaria a inserção do estado na modernidade e no progresso que o país estaria passando.

O que podemos constatar no estado do Piauí durante os anos de 1970, é que os jornais começam a melhorar os seus parques gráficos. Os jornais começam a ganhar volume e a melhorar a sua qualidade de impressão, de modo que ao mesmo tempo conseguem melhorar a sua rentabilidade. Como é verificável em âmbito nacional, os jornais possuem neste momento uma dependência financeira do Estado. Pois o Estado é o principal anunciante dos jornais. Os jornais sobre o instrumento da censura e não tendo pernas suficientemente largas para se manterem começam a estabelecer uma relação de “mutualismo” com o Estado. Com isto as acessórias de comunicações são criadas e estabelecidas, o que vai acabar trazendo os jornalistas para o espaço estatal. Começa-se a surgir uma prática popularmente conhecida como “birô”. O “birô” não é nada mais que um pagamento mensal por parte do Estado para o jornalista, para que este pudesse informar sobre as ações do Estado. A pesquisadora Márcia Vidal, em seu estudo sobre a relação entre a imprensa e o poder no Ceará, nos informa que a prática era comum naquele estado, e se estabeleceu primeiro governo de Virgílio Távora (1963 – 1966) ⁸. A mesma relata o funcionamento desta prática no estado do Ceará:

O funcionamento do birô. [...] o jornalista recebia o **press-release** [grifo do autor]. Se ele tivesse uma coluna, inseria aquele informe na coluna. Caso não fosse um colunista falava com o secretário do jornal, para que a matéria que ele havia recebido e, às vezes, reelaborado saísse. O Secretário olhava, lia. Como o secretário também estava no birô do governo, assim como o editor, o jornalista, ele designava a página, o tipo de impressão e levava para a oficina.⁹

Entretanto esta prática se estabeleceu no Estado do Piauí da seguinte forma, o governo aproveitando-se das péssimas condições econômicas da categoria dos jornalistas, acabava dividindo as despesas dos jornais, com os donos dos jornais. Além

⁸ VIDAL, Márcia. *Imprensa e Poder: o I e II veteranos (1963/1966 e 1979/1982) no jornal “O Povo”*. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desportos do Estado do Ceará, 1994. p. 67.

⁹ *Ibid.*, p.69.

de estabelecer junta a classe uma forte estrutura para as assessorias de comunicação – as SECOM(s). Assim os jornalistas ficavam cada vez mais atrelados ao poder estatal. Esta prática foi definida para o jornalismo como “o maior prejuízo para o jornalismo brasileiro”¹⁰. O Jornalista Carivaldo Marques nos relata como essa prática era vivenciada na década de 1970:

É quem foi que criou a acessória de comunicação foi a revolução, que criou os órgão de comunicação. Então todos foram criados pela revolução. E eu acho que isso foi o maior prejuízo que já houve pro jornalismo no Brasil né. Não pro jornais né, pras empresas de jornais, pelo contrário foi muito bom, num determinado momento. [...] Então o governo fez o quê? Criou a acessória de comunicação e fez a seguinte coisa, contratou o repórter do jornal lá pra acessória né e dividiu o salário com o dono do jornal. Ele pagava metade do salário, ele pagava na acessória né, e o jornal pagava a outra metade, chegou a um ponto, que o jornalista da redação de um jornal, ganhava um salário de referência, quer dizer, que é menos que o salário mínimo [...] ¹¹

Outra prática que se tornou recorrente no período foi o release. Que é a complementação do “birô”. O release é uma expressão inglesa que se traduzida ao pé da letra significa notícia dada a alguém. O release é praticamente isto. O governo através das assessorias de comunicação construía as notícias já prontas para os jornalistas, que somente tinham a função de publicá-las. O que observamos é que essas notícias vinham tanto do Legislativo quanto do Executivo. Desta forma os jornais ficaram cheios dessas práticas, de modo que elas passaram a fazer parte do cotidiano dos jornais. O que permitia que os jornais possuíssem matérias que se contradiziam, favorecendo aos leitores encontrarem no mesmo jornal matérias que tratavam malfeitorias e benfeitorias do governo. Sobre o *release* o jornalista Carivaldo Marques nos explica como é o seu funcionamento:

O release é o seguinte, o governo monta uma acessória, o jornalista faz a matéria e distribui através da sua acessória de imprensa pra tudo quanto é jornal um boletim no final do dia com aquela matéria com tudo que o governo fez, interessa e tal, ele manda pro jornal o release, o release, que é uma coisa que depois acabou sendo condenada, por que eles tiravam cópias, eram xerox da mesma matéria, então a matéria ia pra todo mundo, então se eu desse a matéria aqui hoje todo

¹⁰ FILHO, Carivaldo Marques Teixeira. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento e Albert Aurélio Lima*: 2011.

¹¹ Ibid.

mundo ia dá também. Então os jornais passaram a ter uma linguagem única [...].¹²

Contudo o jornal que tivesse mais jornalistas em assessorias de comunicação ligadas ao governo acabava conseqüentemente tendo um maior número de matérias prontas do governo. O que não exclui os interesses individuais dos donos das oficinas de jornais.

Em oposição às práticas estabelecidas no meio da imprensa escrita em Teresina, temos no final da década de 1970, um movimento de oposição as Assessorias de Comunicação. O Clube do repórter é criado no Piauí, com a finalidade de resgatar os jornalistas para o espaço das oficinas dos jornais.

Criamos o Clube do Repórter pra contrapor os jornalistas, porque o sindicato dos jornalistas era pelego só, nós criamos o Clube do repórter pra poder contrapor a isso né. Fomos contra acessória de imprensa, fomos contra um monte de coisa, ninguém podia ser... se fosse contratado pela acessória de imprensa não poderia ser contratado pelo Clube do Repórter, pra poder criar uma barreira, pra poder tirar o jornalista dessa coisa, dessa amarra né, que é a acessória de imprensa.¹³

6

Existe um elemento nesta conjuntura que devemos dar atenção a ele. É a entrada do “off-set” nas oficinas de jornais. Tido como uma verdadeira “revolução” no parque gráfico dos jornais escritos em todo o Brasil. Em Teresina não será diferente. Contudo não é somente o “off-set” que adentra nas oficinas dos jornais, com ele se estabelece uma série de melhorias que se instalam nos jornais. Primeiramente devemos observar que a modificação destes instrumentos de trabalhos era uma necessidade. Pois como já falamos fazia parte de uma política maior, que visava além do progresso a integração do país e que necessariamente passava pela imprensa. Desta forma os jornais tiveram que fazer vários investimentos para que pudessem adquirir os seus novos maquinários. . Dentre eles se destacava a clichéria:

Mas o que é que é uma clichéria? O que é um clichê? O clichê é uma fotografia reproduzida no Zinco. Basicamente isso, você pega o que, você pega... é o que você faz hoje numa chapa off-set, é o mesmo procedimento. Tudo é muito parecido, tudo é fotografia. [...] E então

¹² Ibid.

¹³ Ibid.

era, você preparava um zinco, um zinco mesmo né, uma peça de zinco, era um zinco especial, você tinha que preparar uma camada foto-sensível, tudo isso era feito passo a passo, você tinha que produzir o quimo, você tinha que produzir camada, aplicar camada, tudo isso você tinha que fazer, então por isso era um processo penoso e de extrema dificuldade, extremamente difícil, por que se você não conhecesse as medidas certas você nunca ia fazer as camadas certas, ia fazer a camada errada.¹⁴

Com a clichéria a qualidade e rapidez da finalização das fotografias dos jornais puderam ser melhoradas, de forma que os piauienses passaram a ver o seu estado e a sua capital com uma nitidez mais apurada. As fotografias a partir deste momento ganhavam atenção redobrada, pois como jornalista nos relata, era um trabalho extremamente penoso, que iria requerer do jornalista mais atenção. O fato é que a principal mudança que se tem com a clichéria é possibilidade de poder enxergar as ações com mais vivacidade.

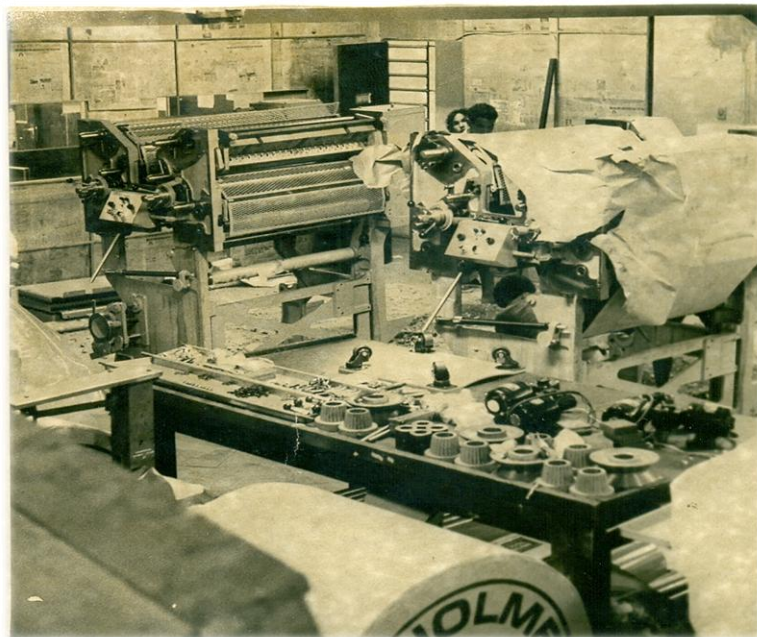
Com o *off-set* os jornais aumentaram de qualidade e tamanho. A impressão do jornal ficou mais rápida o que deixou o jornal mais dinâmico e mais rentável, já que se necessitava de menos tempo para se fazer o jornal. Não somente o tempo ficou pequeno, mas o número de pessoas dentro das oficinas dos jornais.

Por que o *off-set* eliminava todo esse procedimento e o procedimento era outro. Evidentemente que surgiram novas funções, foram substituídas, as antigas por novas funções. Só que o quadro reduziu também. Havia a necessidade de ter muita gente pra fazer um jornal diário e pela dificuldade então da tipografia, do manuseio. Então o *off-set* facilitou. Houve então praticamente o desaparecimento do tipógrafo, do paginador, do tipográfico, do linotipista, do batedor de prova, do prendedor de prova, do batedor de página, do impressor tipográfico, do clichérista. Essas pessoas todas sumiram né.¹⁵

Abaixo temos a fotografia da primeira *off-set* plana-rotativa do Estado do Piauí adquirida pelo jornal O Dia no final da década de 1970.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ Ibid.



Primeira off-set plana-rotativa do estado do Piauí: Arquivo fotográfico do Jornal “O Dia”

O novo processo de impressão fez desaparecer das oficinas uma série de funções que existiam com a impressão tipográfica. Com a clichéria os jornais conseguiram melhorar o processo de revelação de suas fotografias. Abaixo verificamos uma matéria que informa aos piauienses do domínio dessas novas técnicas:

[...] o avanço da tecnologia, particularmente no campo das comunicações, é uma realidade indiscutível. A era dos computadores e outros aparelhos mais complexos gerados pelo incessante progresso está decretando a morte dos equipamentos tradicionais. O fenômeno está atingindo o setor gráfico, onde as velhas máquinas como o prelo, a rotoplana, a própria linotype e a rotativa até há pouco tempo revolucionárias têm seus dias contados. A introdução do moderníssimo sistema “off-set” nas oficinas de jornal veio mudar radicalmente todos os conceitos sobre a maneira de se fazer imprensa. Em todos os continentes os equipamentos “off-set” impõem-se as máquinas tradicionais. No Brasil são poucas as capitais que ainda não adotaram o formidável sistema.”¹⁶

O que percebemos nessa matéria é primeiramente o avanço dessas novas técnicas fora espaço piauiense e posteriormente o atraso em que se encontrava as oficinas de jornais do Piauí, pois as mesmas não estavam ainda inseridas nestes novo mundo. O mundo moderno. Modernizar era uma necessidade.

¹⁶ A VEZ do Piauí. *OEstado*. Teresina. Ano 20. 6 abr. de 1971. p.1.

Concluimos que a cidade de Teresina passou durante os anos de 1970 um intenso processo de modernização e transformação. Favorecendo a resignificação de novas práticas pelos teresinenses. Com a cidade se modificando, as pessoas começaram a sentir integrantes da modernidade e dos novos tempos que estavam alçando a cidade. A cidade, este espaço diversificado, que possui várias outras cidades dentro dela mesma, foi o elemento que mais sofreu com estas modificações. Ganhou novos espaços, novas casas em detrimento das que foram postas abaixo pelo poder público, pelo simples motivo de que atrapalhavam o processo de embelezamento da cidade. Embelezamento estes que alcançou todos os teresinenses com as intensas campanhas, através da imprensa, em prol da humanização da cidade, que segundo essa “nova forma de pensar” das camadas políticas deveria ser uma cidade turística. O ponto de partida do desenvolvimento do estado do Piauí.

A imprensa escrita buscou incansavelmente acompanhar esta modernização da cidade, com a aquisição de novas técnicas e novos maquinários. Modernizando desta forma o seu parque gráfico, de modo que, os jornais cresceram em volume e qualidade, ganhando nova diagramação, melhorando a forma do teresinense ver a sua cidade.

9

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 – Fotografia: Localizada na sede do Jornal “O Dia”

Acervo: Arquivo fotográfico do Jornal “O Dia”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A VEZ do Piauí. *OEstado*. Teresina. Ano 20. 6 abr. de 1971. p.1.

ABREU, Alzira Alves de. *A Modernização da Imprensa (1970 – 2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 66p.

FIGUEREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. *“Liberdade é uma Calça Velha Azul e Desbotada: Publicidade, Cultura de Consumo e Comportamento Político no Brasil (1954 – 1964)*. São Paulo: HUCITEC História Social, USP, 1998. 169p.

FILHO, Carivaldo Marques Teixeira. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento e Albert Aurélio Lima*: 2011.

MEIRELLES, Juliana Gesuelli. *Imprensa e Poder na corte joanina: A Gazeta do Rio de Janeiro (1808-1821)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008. 252p.

RIBEIRO, Joel da Silva. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento, Regianny Monte Lima e Laércio Barros Dias*. Teresina, 2006.

RIOS, Maria do Livramento Rodrigues. *Entrevista concedida a Laércio Barros Dias e Regianny Lima Monte*. Teresina: 2006.

SANTOS, Maria Lindalva Silva. *A Força de um Ideal*. História e Memória da Primeira TV Piauiense. (Dissertação). Universidade Federal do Piauí. 2010. 162p.

VIDAL, Márcia. *Imprensa e Poder: o I e II veteranos (1963/1966 e 1979/1982) no jornal "O Povo"*. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desportos do Estado do Ceará, 1994. 154p.